

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA
CURSO LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA

RAIMUNDO GOMES TORRES JÚNIOR

A DESCRIPTIVIDADE DOS ESPAÇOS: urbano e sertão, na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego

Presidente Dutra - MA

2023

RAIMUNDO GOMES TORRES JÚNIOR

A DESCRIPTIVIDADE DOS ESPAÇOS: urbano e sertão, na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras Licenciatura e Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão — UEMA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profª. Esp. Francisca Fabiana da Conceição Cruz

Presidente Dutra - MA
2023

Torres Júnior, Raimundo Gomes.

A descriptividade dos espaços: urbano e sertão, na obra Menino de Engenho, de José Lins Rego/ Raimundo Gomes Torres Júnior. – Presidente Dutra, MA, 2023.

...f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, 2023.

Orientadora: Profa. Esp. Francisca Fabiana da Conceição Cruz.

1.Modernismo. 2.Romance de 30. 3.Neorregionalistas. 4.Espaços fíctionais. I.Título.

CDU:377(036)

RAIMUNDO GOMES TORRES JÚNIOR

A DESCRIPTIVIDADE DOS ESPAÇOS: urbano e sertão, na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras Licenciatura e Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão — UEMA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado (a) em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Esp. Francisca Fabiana da Conceição Cruz (Orientadora)
Especialista em Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira
Universidade Estadual do Maranhão

Profº. Esp. Daniel Matos Pinheiro
Especialista em Docência do Ensino Superior
Universidade Estadual do Maranhão

Profª. Esp. Wideglan Marques Sousa Beserra
Especialista em Psicologia da Educação
Universidade Estadual do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar. À minha mãe, Maria Salete Santos Torres pelo apoio, pelo incentivo, pelas palavras de motivação e por toda a sua dedicação a mim, principalmente nestes últimos anos, enquanto acadêmico.

A todos os meus familiares e amigos que de alguma forma estiveram comigo nessa caminhada. Em especial à Leilane Pereira Cardoso, Natálya Maria Nascimento Moreira e Ingryd Beatriz da Silva Delamarque, Isabel Moraes Diniz.

A minha professora e orientadora, Francisca Fabiana da Conceição Cruz, cujos conhecimentos foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos professores do Campus que contribuíram de alguma forma para a minha formação acadêmica.

À Rosilana, por toda a sua dedicação e apoio a nós acadêmicos.

RESUMO

A presente monografia objetiva analisar os espaços e cenários da zona urbana e da zona rural, narrados por José Lins do Rego, em *Menino de Engenho*. Nesse sentido, pretende-se refletir sobre os principais aspectos de alguns autores do Romance de 30, especificamente, de José Lins do Rego e, para assim compreender os espaços e cenários ficcionais construídos pelo autor durante a obra, observando o modo como os espaços contribuem para a formação da identidade do homem. Esta pesquisa se justifica por ter o objetivo de descrever os espaços, urbano e rural, no romance *Menino de Engenho* e compreender em seu enredo o espaço como parte da construção da Identidade cultural do homem. A metodologia utilizada foi a de cunho bibliográfico qualitativo com base em estudos teóricos e críticos de diversos estudiosos que auxiliaram na análise da obra. Este trabalho estruturado da seguinte forma: introdução, três capítulos que contém o contexto histórico, referencial teórico e o último capítulo com a análise da obra além das considerações finais e, por último, as referências.

Palavras-chave: Modernismo. Romance de 30. Neorregionalistas. Espaços ficcionais.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to analyze the spaces or scenarios of the urban and rural areas narrated by José Lins do Rego in *Menino de Engenho*. Two specific objectives guide this analytical endeavor, first, it intends to reflect on the main aspects of some actors of the Romance of 30, specifically, José Lins do Rego and second, it aims to understand the spaces or fictional scenarios constructed by the author during the work, as well as observing how spaces contribute to the formation of man's identity. This research is justified by having the objective of describing the urban and rural spaces in the novel Menino de Engenho and understanding in its plot the space as part of the construction of the cultural identity of man. The methodology used was qualitative bibliography based on theoretical and critical studies by several scholars who will help in the analysis of the work. This work is structured as follows: introduction, three chapters that contain the historical context, theoretical framework and the last chapter with the analysis of the work in addition to the final considerations and, finally, the references.

Keywords: Modernism. Novel of 30. Neoregionalists. Fictional spaces.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características principais do Romance de 30	21
Quadro 2 - Gradações de espaços ficcional.....	26
Quadro 3 - Funções do espaço em obras literárias	27
Quadro 4 – Topoanálise dos espaços em obras literárias	28
Quadro 5 – Personagens de Menino de Engenho.....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O MODERNISMO: GERAÇÃO DE 30	11
2.1 Aspectos históricos que influenciaram a Geração de 30	11
2.2 Romancistas de 30 no Brasil: prosadores	18
2.3 José Lins do Rego: traços biográficos.....	23
2.4 Principais Obras de José Lins do Rego	24
3.BREVE ANÁLISE DE ESTUDOS ACERCA DOS ESPAÇOS EM OBRAS LITERÁRIAS	25
4.UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS NA OBRA <i>MENINO DE ENGENHO</i>, DE JOSÉ LINS DO REGO	30
4.1 Resumo da Obra <i>Menino de Engenho</i>.....	30
4.2 O Espaço ficcional: Urbano e Sertão.....	33
4.3 O espaço como construção da Identidade Cultural do Homem	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

No início do século XX, o Brasil passava por intensas transformações econômicas, sociais, culturais que refletiram em todas as esferas da vida das pessoas, inclusive, na literatura. O processo de industrialização chegava ao país e com ele houve a aceleração da migração e da urbanização. Várias forças sociais e políticas foram emergindo nesse novo contexto, enquanto outras, pela mudança de perspectiva econômica, foram ficando mais fracas, como é o caso dos grandes produtores rurais de café e de açúcar.

Foi no início desse século, especialmente, na década de 1930, que emergiu um conjunto de autores e de obras ficcionais, que foram denominados de regionalistas de 30, neorregionalistas e como ficaram mais conhecidos, romancistas de 30. A maior parte desses autores era descendente das famílias ligadas ao setor cafeeiro e açucareiro.

Como explana José Hildebrando Dacanal (2018, p. 22), os romancistas de 30 são parte “integrante, produto e reflexo dos primórdios do Brasil moderno, que se superpunha ao Brasil arcaico/agrário da costa e suas imediações”. Assim, como será apresentado, os romancistas de 30 estavam inseridos em um momento de transformação importante do Brasil em vários aspectos da vida social.

A perspectiva realista/naturalista está em muitas obras desse período e traz verossimilhança ao que é narrado, tomando como base os valores nacionais. Aproxima o exposto à coleção de produções, estudos, livros e publicações sobre o Brasil, contudo, a inspiração ficcional é de extrema relevância.

Segundo Adonias Filho (1969, p. 12), “é o universo brasileiro que se mostra em quadro e imagem, problema e drama, linguagem e paisagem, ficcionalmente se movendo no poder de uma temática que oferece, com os mitos e os símbolos, o caráter nacional e a personalidade do povo”. Sendo um marco importante para a literatura e o Modernismo no Brasil, já que esse movimento, especialmente a geração de 30 buscou evidenciar como peça principal de seu enredo, o cotidiano brasileiro.

Os fatos que são narrados nos romances de 30 são lineares e falam diretamente de estruturas históricas agrárias da sociedade brasileira, pois, como afirma José Hildebrando Dacanal (2018, p. 19), “A realidade histórica, em seus elementos econômicos e sociais, é parte que integra de forma imediata – sendo muitas

vezes a mais importante – o enredo”. Nesse sentido, a perspectiva realista ganha bastante destaque nessas obras modernistas.

O objeto de estudo deste Trabalho é *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, que foi honrado com prêmio Graça Aranha. O romance foi escrito em 1932, e é o primeiro de três livros de ficção publicado pelo autor sobre o ciclo da cana-de-açúcar, que narram a estrutura patriarcal dominante nos meios rurais, tendo como figura central os senhores de engenho.

Como a referida obra é um romance memorialístico ou autobiográfico, José Lins do Rego é quem conta suas histórias vivenciadas na zona urbana e na zona rural no período de sua infância e de sua adolescência. Como foi dito, os romances da década de 1930 são verossímeis à realidade brasileira, pensando nisso, é que surge o problema dessa pesquisa: Como José Lins do Rego descreve os cenários da zona urbana e rural na obra *Menino de Engenho*?

Para tentar responder a essa pergunta, foi pensado como objetivo geral desse trabalho, uma análise dos espaços e cenários da zona urbana e rural narrados por José Lins do Rego, em *Menino de Engenho*. No que se refere aos objetivos específicos que norteiam essa empreitada analítica, primeiramente, pretende-se refletir sobre os principais aspectos de alguns autores do Romance de 30, especificamente, de José Lins do Rego, e em segundo, objetiva compreender os espaços e cenários ficcionais construídos pelo autor durante a obra.

É importante dizer que vários trabalhos acadêmicos foram construídos para analisar aspectos da obra supracitada, a título de exemplo, a geografia, questões de gênero, mas observa-se que inexiste um trabalho acadêmico que foque nas questões da construção dos cenários e espaços onde o enredo se desenvolve. Essa abordagem é relevante e se justifica porque nos mostra a importância que foi o romance *Menino de Engenho* para a literatura brasileira, por fazer uma divulgação dos aspectos culturais regionais de uma identidade nacional, a do Nordeste.

Para a execução da pesquisa, duas técnicas principais para coleta e análise de dados serviram de suporte para a compreensão dos cenários e dos espaços no romance *Menino de Engenho*. As técnicas que compõem esse aparato metodológico, dizem respeito à análise bibliográfica e à pesquisa documental de cunho qualitativo.

A presente pesquisa está organizada em 5 tópicos, sendo o primeiro essa introdução; o segundo tópico, refere se ao primeiro capítulo de análise, onde o

contexto histórico e as principais características dos romancistas de 30 estarão em destaque; o terceiro tópico é o segundo capítulo, que discorre sobre estudos a respeito dos espaços, para servirem de base às análises sobre o romance supracitado; o quarto tópico que é referente ao terceiro capítulo, foca na análise dos cenários e espaços da obra *Menino de Engenho*, relacionados ao universo urbano e rural; o quinto tópico, são as considerações finais composto de uma síntese da discussão ocorrida em todo o trabalho e; o sexto e último tópico estarão dispostas as referências que auxiliaram no decorrer da análise da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego.

2. O MODERNISMO: GERAÇÃO DE 30

Para melhor compreender como são narrados os cenários e espaços na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, esse capítulo se dedica a compreender os principais aspectos históricos, econômicos, sociais, culturais e artísticos que influenciaram o surgimento de vários autores que trabalharam a temática regionalista.

Nesse sentido, é interessante destacar a Geração de 30 e seus principais representantes, apresentando as principais características inerentes a essa época, também conhecida como a segunda fase do modernismo.

2.1 Aspectos históricos que influenciaram a Geração de 30

Os principais autores do Romance de 30, a chamada segunda fase do modernismo, publicaram suas obras especialmente entre os anos de 1930 e 1945. Todavia, um período anterior à primeira república (república velha ou república oligárquica), influenciava diretamente na vida desses autores, haja vista que viveram grande parte de suas vidas nesse período. Sendo assim, é relevante que nesse tópico se faça um apanhado histórico que se estende do início da Primeira República até o final da Era Vargas, em 1945.

Atualmente, vivemos em uma República Democrática, ou seja, os representantes ou chefes de Estado, como o presidente, por exemplo, são eleitos para governar através do voto de toda a população. Contudo, essa forma atual, que vem se desenvolvendo e consolidando a partir da Constituição Federal de 1988, teve suas ideias iniciais implementadas, ainda, no final do século XIX e início do século XX, com a chamada Primeira República, que compreende a fase inicial da instauração do período republicano no Brasil.

Ela se iniciou com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, por meio de um golpe promovido por militares, o qual se estendeu até 1930, quando foi finalizada com a chamada revolução de 30, liderada por Getúlio Vargas. A Primeira República se organiza em dois períodos, sendo o primeiro, chamado de República da Espada, e o segundo de República dos Coronéis, também chamada de República Oligárquica, ou ainda a República do café com leite.

Ainda sobre esse aspecto, a República da Espada se estendeu de 1889 a 1894, pois como a Proclamação da República se deu por meio de um golpe militar. Seus primeiros presidentes foram militares, destacando os marechais Deodoro da Fonseca, que liderou de 1889 a 1891, e Marechal Floriano Peixoto, que governou de 1891 a 1894, como afirmam Lucena e Grillo (2013):

Entremes, diante desse contexto, nasce a Primeira República, também conhecida como República Velha (1889 a 1930) dividida em duas faces: República da Espada (ou República Militar – 1889 a 1894) e a República Oligárquica (ou República do café-com-leite: paulistas e mineiros controlando o país - 1894 a 1930). A República da espada se caracterizou pelas fortes tendências militares no país, principalmente no que tange à centralização do poder [...] (Lucena e Grillo, 2013, p. 610).

A República da espada foi comandada especialmente por dois marechais do exército brasileiro, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, Deodoro tentando, de certa forma, trazer algum benefício à população, como, por exemplo, a tentativa de baixar os preços de alimentos.

O surgimento da República Oligárquica, República dos Coronéis ou ainda República do café-com-leite, vigorou de 1894 a 1930 e correspondeu à existência de diversos acordos políticos, que permitiram que o país fosse administrado por um determinado grupo de pessoas, em sua maioria membros da sociedade cafeeira, ruralistas e coronelistas daí o nome oligarquia.

A Primeira República oligárquica teve doze (12) presidentes, dos quais oito (8) eram paulistas ou mineiros que, respectivamente, correspondiam às potências cafeeiras e leiteiras do país, por isso, também recebeu o nome de República café-com-leite, como pontua Ferreira, Pinto (2017):

Primeira República é interpretada como um período marcado por um sistema de dominação baseado no latifúndio, cuja dinâmica comportaria três fases: a da implantação, caracterizada pelo predomínio do poder da classe média pela atuação dos militares; a da consolidação, controlada pelas oligarquias latifundiárias; e a do declínio, marcada tanto pela expansão da burguesia industrial e da classe média quanto pela disputa desses setores pelo controle do poder (Ferreira, Pinto, 2017, p. 424).

O primeiro presidente da República Oligárquica foi o paulista Prudente de Moraes que governou de 1894 a 1898. O segundo foi um Paulista, Campos Salles, que governou de 1898 a 1902. O terceiro foi o também Paulista Rodrigues Alves que

governou de 1902 a 1906. O quarto foi o mineiro Affonso Penna que governou de 1906 a 1909, quando faleceu, assumiu, então, em substituição, o seu vice, o quinto presidente do Brasil, o carioca, Nilo Peçanha que governou de 1909 a 1910.

O sexto foi o Sul-rio-grandense Hermes da Fonseca que governou de 1910 a 1914. O sétimo foi o mineiro Wenceslau Braz que governou de 1914 a 1918. Em 1919, o oitavo presidente eleito foi Rodrigues Alves, o mesmo de 1902, entretanto, faleceu em decorrência da gripe espanhola e não pôde assumir, então seu vice, o mineiro Delfim Moreira, assumiu a presidência por pouco mais de seis (6) meses. O nono foi o Paraibano Epitácio Pessoa, que governou de 1919 a 1922. O décimo foi o mineiro Arthur Bernardes, que governou de 1922 a 1926. O décimo primeiro foi o carioca Washington Luís, que governou de 1926 a 1930. O último eleito, o décimo segundo, foi o Paulista Júlio Prestes, que nem chegou a assumir, e tampouco a governar, devido ao estopim da revolução de 30.

Para ficar claro, Júnior e Teixeira (2019), acentuam que:

A outrora chamada “República Velha” ainda é a experiência republicana mais longevo do país (1889-1930). Nesses quase 41 anos de duração, o Brasil conviveu com uma frágil democracia marcada pela disputa entre as oligarquias regionais, pelas fraudes eleitorais e pelo arbítrio marcante do estado de sítio. Nesse contexto, as oligarquias rurais se valeram da República para assegurar seus interesses e a manutenção de um status quo dominante. Apesar de contar com uma Constituição democrática, a grande maioria da população estava excluída dos direitos políticos, bem como os trabalhadores muito afastados de direitos trabalhistas (Júnior, Teixeira, 2019, p. 7).

A República Oligárquica se caracterizou por promover a descentralização do poder presidencial por meio da concessão de maior independência aos governadores, o que contribuiu para que o coronelismo se fortalecesse e, consequentemente, também a ruralização. Além disso, manteve o caráter autoritário como o voto de cabresto, que elegia seus candidatos por meio da compra de votos ou de abusos de poder e também as fraudes eleitorais, haja vista que os muitos acordos políticos, em diversos casos, necessitavam de manobras ilegais.

Por mais que as maiores forças políticas do cenário nacional fossem do Estado de São Paulo e de Minas Gerais, os coronéis do nordeste ainda continuavam com grande força política regional, influenciando até mesmo nas decisões nacionais, como aconteceu com a eleição do Paraibano Epitácio Pessoa. Além disso, o país passou por uma série de crises econômicas e por uma série de movimentos sociais

que desencadearam revoltas em todos os lugares, como fica claro na passagem de Leão (2015):

A partir de 1889, com a mudança de regime político no país, deixando para trás séculos vividos sob a égide da monarquia, acenderam-se as esperanças de transformações sociais capazes de estender a cidadania plena ao conjunto da população brasileira, sobretudo aos membros das classes populares, entre os quais figuravam os ex-escravos. Entretanto, as reformas empreendidas pelos governantes da República Velha se revestiram de características autoritárias, que visavam o controle e a subordinação da população aos ditames do progresso e da civilização. Esta, por sua vez, reagiu a estas imposições, através de protestos e revoltas, as quais ocorreram tanto no campo como nas cidades, a exemplo dos movimentos sociais de Canudos (1896-1897) e do Contestado (1912-1916) e das revoltas da Vacina (1904) e da Chibata (1910). As lutas populares do período demonstram que as classes oprimidas possuíam consciência política para reivindicar a construção de uma nação em que seus anseios e valores fossem levados em conta. (Leão, 2015, p. 3)

É possível perceber que, desde a instituição da República, em 1889, o Brasil viveu um período onde os estados de São Paulo e Minas Gerais dividiram o poder, e esta Aliança foi denominada República Oligárquica ou República do café-com-leite, pois quem mandava no país eram as oligarquias dos estados. Contudo, na década de 20, setores como os dos tenentes e das classes médias urbanas, começaram a exigir mais espaço na política.

No ano de 1930, aconteceu a chamada revolução de 30 e instalou no país um período dominado pelo presidente Getúlio Vargas, que se estendeu de 1930 a 1934. Em primeiro momento foi instalado o Governo provisório de 1930 a 1934, logo em seguida, o governo constitucional de 1934 a 1937 e, finalmente, o Estado Novo de 1937 a 1945, como salienta Lima (2019):

A Revolução de 1930, foi um movimento liderado por representantes de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul contra a política oligárquica que comandava o Brasil na época. Esse movimento destituiu Washington Luís do Poder e impediu a posse do presidente eleito nas eleições de 1930, Júlio Prestes. Com esses acontecimentos, chegou ao fim a República Velha e instaurou-se no Brasil, a Era Vargas, que começou pelo Governo Provisório. Em 26 de julho, o vice de Getúlio Vargas foi assassinado por opositores de seu Estado. Mas, o culpado pela morte de João Pessoa foi o governo de Washington. Logo em seguida, a aliança liberal começava a convencer os militares a derrubar Washington Luís e colocar em seu lugar Getúlio Vargas. (...). Em 24 de outubro de 1930, as forças armadas depuseram Washington Luís, e uma junta provisória militar ficou no controle do país. Getúlio Vargas, na companhia de militares e apoiadores, seguiu até o Rio de Janeiro, onde assumiria a presidência do Brasil em 3 de novembro de 1930. A chegada de Getúlio ao Poder marca o fim da República Velha como política do café com

leite e o início do governo provisório, a primeira das três partes da Era Vargas. (Lima, 2019, p. 11)

Com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, a crise econômica chega ao Brasil diminuindo o apoio ao governo dos oligarcas. Nas eleições presidenciais de 30, Mineiros e Paulistas, romperam sua tradicional aliança e o governador de Minas apoiou a chapa formada pelo governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, que tinha como vice o então governador da Paraíba, João Pessoa. O resultado das eleições deu a vitória ao candidato de São Paulo, Júlio Prestes.

Sobre isso, Dacanal (2018) pontua o seguinte:

A migração, a industrialização – gerada pela necessidade de substituir importações -, a urbanização daí resultante, a agitação político-militar e a crise econômica, tudo isso demonstrava que os dias do velho sistema estavam contados. O país estava pronto para o grande salto. Seu sistema de produção, relativamente simples, integrante do colonialismo clássico, começava a ser destruído. Uma estrutura mais complexa, própria dos subsistemas periféricos da nova fase da era industrial/capitalista, o substituía progressivamente. No Sul a *Armour* marcava o fim das charqueadas e no Norte as modernas usinas eliminavam o engenho (Dacanal, 2018, p. 19).

De acordo com o exposto, a oposição não aceitou o resultado e marchou com um exército rumo à capital do país, encabeçados pelo governador gaúcho, Getúlio Vargas. O exército e simpatizantes derrubaram o presidente Washington Luís, e a partir de então começa a era Vargas, criando o governo provisório que se caracterizou pelo processo de centralização do poder, pela eliminação dos órgãos legislativos em nível federal, estadual, municipal e a ausência de eleições, como fica evidenciado no fragmento do texto de Alves (2017):

Um outro fator preponderante foi a crise ocorrida nos E.U.A, esta crise ocorreu em 1929. A sua principal característica é uma fase de superprodução e pouco consumo. Isso reflete diretamente no Brasil. As exportações do café que há tempos encontravam dificuldades, têm uma queda ainda maior. (...). Com isso, instaura-se no Brasil uma crise sem precedentes. Milhões de sacas de café não têm compradores e ocorre uma verdadeira paralisação na economia do país. O Estado brasileiro estava praticamente falido. Dentro do organograma da política café-com-leite era a vez de Minas Gerais indicar o candidato, porém não havia consenso. As duas oligarquias rompem e há na verdade uma verdadeira disputa eleitoral. De um lado São Paulo (e restante do país) apoiando Júlio Prestes, de outro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba apoiando Getúlio Vargas. (Alves, 2017, p. 27).

Estes acontecimentos, somados à nomeação de interventores estaduais, provocaram a insatisfação de vários estados, em particular o estado de São Paulo, que pegou em armas contra Getúlio Vargas. Em 1932, instalou a revolução constitucional que terminou com a derrota militar de São Paulo, porém, Getúlio Vargas teve que promover eleições legislativas e convocar assembleia constituinte para elaborar uma nova carta magna em 1934. Esta Constituição instituiu o voto feminino, estabeleceu o ensino primário gratuito e obrigatório e criou ainda a justiça do trabalho.

Durante o governo constitucional, em 1935, ocorreu a revolta comunista, em oposição ao governo. Foi planejada pela Aliança nacional libertadora e um de seus líderes foi o Capitão Luiz Carlos Prestes. O golpe, porém, não se concretiza e a repressão por parte do governo foi feroz, incluindo torturas e prisões ilegais pela polícia política. Dois anos mais tarde, em 1937, Getúlio Vargas alega que existia outra tentativa de golpe comunista conhecido como plano CORN. Este será o pretexto para o fechamento do Congresso, cancelamento das eleições presidenciais e anulação da Constituição de 1934.

O plano havia sido elaborado pelo Capitão Olímpio Mourão Filho e utilizado pelo governo para justificar o Estado de sítio. O Estado Novo é lembrado pela história de maneira contraditória, para alguns, é considerado o período mais repressivo da era Vargas, pois existia censura e não havia eleições. Para outros, porém, é lembrado como a época em que os direitos trabalhistas foram criados.

Acerca dessa racionalização, Alves (2017), diz que:

Como vimos, os paulistas estavam insatisfeitos com a conduta do governo de Vargas. Assim, vão organizar no estado tropas para tomar o poder federal e terem novamente o controle do país. Esse movimento deu entusiasmo aos paulistas que chegaram a doar objetos pessoais (joias) para financiar o conflito. O combate em si durou apenas três meses, os paulistas foram esmagados pelas tropas federais. Essa foi uma guerra civil de proporções consideráveis, onde muitos brasileiros morreram no conflito. O ponto central da discussão da relevância da Revolução de 1932 foi em perceber que Vargas necessitava urgentemente de criar uma nova Constituição. Um dos seus líderes era Luís Carlos Prestes. Esse movimento teve atuação importante no meio do operariado e buscou ações efetivas contra Vargas. A mais importante delas foi a Intentona Comunista de 1935. (Alves, 2017, p. 30)

Para começar essa nova fase, Vargas anula a Constituição de 1934 e outorga uma nova carta magna, a Constituição de 1937. Ela extinguiu os partidos políticos, eliminou as eleições e acabou com a Independência entre os três (3) poderes, já no plano econômico, o Estado Novo se caracteriza por medidas de nacionalização das indústrias e de promulgação das leis trabalhistas, através da

Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Foram criados o salário mínimo, a carteira de trabalho, a semana de trabalho de 48 horas e as férias remuneradas.

Em 1938, indignados com o rumo centralista que tomava o governo, os integralistas planejam um golpe liderado por Plínio Salgado e Gustavo Barroso, a ação integralista Brasileira tenta tomar o poder, mas são derrotados e seus participantes são presos ou exilados.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, o Brasil toma a decisão de manter-se neutro diante do conflito europeu. No entanto, no governo existiam aqueles que eram a favor de apoiar o eixo e os que desejavam se aproximar dos aliados. Devido à pressão Americana, Getúlio Vargas declara guerra à Alemanha e posteriormente manda soldados para a Europa, cede uma base aérea para aos Americanos em Natal, em troca, os Americanos concedem empréstimos ao Brasil que resultariam na construção da usina de aço de Volta Redonda da mesma forma que o exército brasileiro foi modernizado, como afirma Oliveira (2011), ao frisar que:

[...] o Brasil buscou se manter neutro, procurando uma posição de equilíbrio entre as grandes potências envolvidas no conflito, seguindo uma política do presidente Getúlio Vargas. Entretanto, após o ataque japonês a Pearl Harbor, no final de 1941, as pressões norte-americanas para que o Brasil se posicionasse a favor dos aliados continuaram, até que no início de 1942, o governo brasileiro rompeu relações com o Eixo. Podemos dizer que as negociações que o Brasil estabeleceu com os EUA foram fundamentais para que Getúlio Vargas definisse o apoio do Brasil aos Aliados (Oliveira, 2011, p. 51).

A contradição entre lutar contra a ditadura nazista e viver num regime sem democracia determinou o fim da era Vargas. Vários intelectuais, associações de estudantes e mesmo parte dos militares começam a protestar abertamente contra o regime varguista, no dia 29/10/1945, Getúlio Vargas foi deposto por um golpe militar e pela União Democrática Nacional (UDN).

Neste capítulo compreendeu-se alguns dos principais acontecimentos que marcaram o surgimento e o decorrer do Movimento Modernista no Brasil e, a seguir será apresentado mais sobre esse movimento e uma de suas vertentes, o Romance de 30.

2.2 Romancistas de 30 no Brasil: prosadores

O Modernismo no Brasil possui três (3) fases, a primeira vai de 1922 a 1930, conhecida como a fase da destruição, a segunda se estende de 1930 a 1945 que, por sua vez, divide-se em dois segmentos, o da poesia e da prosa e, a terceira fase, a partir do ano de 1945. A obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego está inserida na segunda fase do Modernismo brasileiro (especificamente na prosa), os chamados Romancistas de 30.

A primeira fase do Modernismo vai ocorrer especificamente em São Paulo onde tal escola literária começou e se estruturou, tendo como marco principal a realização da Semana de Arte Moderna de 1922, como demonstra Ferraz (2016):

A primeira fase se inicia com a Semana de 22 e se materializa mais no plano artístico de formação de uma arte genuinamente brasileira e uma preocupação imediatista com a inserção do Brasil na ordem moderna internacional. A segunda fase se inicia em 1924 com o surgimento da preocupação em pensar a identidade nacional brasileira para além do plano artístico e estético. A primeira geração modernista aproveitou do clima nacionalista que reinava no Brasil no início do século XX e aprofundou tal questão. Assim esta geração tinha como principais objetivos o combate ao passadismo e o repúdio ao regionalismo tacanho, pois só através do universal poderíamos ser nacionais, com foco no urbanismo e na modernidade. Porém, diferentemente da segunda geração, a primeira teve um cunho mais estético, já que não se preocupou em construir as bases da identidade nacional brasileira e em modificar toda sua produção cultural (Ferraz, 2016, p. 32).

Os artistas, em sua grande maioria, são naturais da cidade da região de São Paulo e isso foi reflexo de todas as condições históricas que contribuíram para a cidade ser o celeiro do Modernismo, principalmente a cafeicultura que favoreceu o crescimento de uma burguesia que fez com que seus filhos fossem à Europa e sofressem influência das vanguardas europeias, a título de exemplo, cubismo, dadaísmo, surrealismo, futurismo. Sobre esse assunto Bosi (2019), explana que:

[...] só um grupo fixado na ponta de lança da burguesia culta paulista e carioca, isto é, só um grupo cuja curiosidade intelectual pudesse gozar de condições especiais como viagens à Europa, leitura dos derniers Cris, concertos e exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país (Bosi, 2017, p. 355).

Toda essa conjuntura brasileira, em especial a paulista fez com que o Modernismo começasse na *Semana de Arte Moderna*, em São Paulo, e foi apenas na segunda fase que esse movimento se espalha por todo o Brasil.

Na primeira fase, quando os modernistas perceberam que o movimento estava restrito apenas à cidade de São Paulo, decidiram criar revistas especializadas em arte moderna para serem espalhadas por todo o Brasil, levando o pensamento Modernista para todas as regiões e, o resultado disso, foi uma segunda fase bem diversificada – o chamado Romance de 30, que segundo Bosi (2017, p.368), “(...) foi uma realidade poderosa com o *fácie*s próprio da região e deu o tom ao melhor romance dos anos 30 e 40”. O Romance de 30 é considerado por diversos teóricos, como uma literatura com muita qualidade, por sua riqueza e diversidade com que retrata a região nordeste do país.

Antônio Cândido faz a seguinte afirmação sobre essa fase regionalista do Modernismo:

A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de Neo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país [...] (Cândido, 2006, p. 128).

Para o autor, o Romance de 30 vai abordar, principalmente, temas regionais nordestinos e foi no ano de 1928 que essa temática começou a ser explorada no Brasil, chamada vertente regionalista. Porque algum tempo antes, mais especificamente, no ano de 1926, o sociólogo pernambucano muito famoso, Gilberto Freyre, reuniu um coletivo numa conferência chamada Conferência Regionalista do Recife.

Segundo o sociólogo, os autores nordestinos tinham a missão de carregar em seus textos a temática do seu estado, da sua região, focando aqui na série de problemas que existiam na sociedade nordestina, como a seca, o cangaço, o coronelismo, além de outros. Gilberto Freyre, queria que esses livros fossem transformados em verdadeiros gritos de socorro, levando o tema para outros estados e para outras regiões do país, como afirma Gomes (s/d):

Na década de 20, desenvolve-se no Brasil uma revalorização das tradições regionais, sobretudo através de **Gilberto Freyre**, sociólogo, então recém chegado dos Estados Unidos, onde estivera a estudos. Em 1926 cria-se o Centro Regionalista e realiza-se o **Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo**. **Gilberto Freyre** afastara-se, de certa forma, dos modernistas de São Paulo, influenciados por ideias importadas da França, pois sua formação sofrera influências anglo-americanas. A preocupação com a revalorização do Nordeste deve-se em parte ao deslocamento do eixo econômico e cultural para o Sul, quando a indústria açucareira começa a decair. Por outro lado, o capitalismo impessoal de empresários sem vínculos

com a região contribuía para a descaracterização cultural do Nordeste, cuja economia tinha bases patriarcais e paternalistas (Gomes, s/d, p. 8).

Fruto disso, nasceu no ano de 1928, a primeira obra chamada de obra regionalista do Modernismo, uma obra intitulada *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, um autor Paraibano que estava naquela conferência e por isso foi influenciado por Gilberto Freyre. A fase só vai se estabelecer mesmo a partir de 1930 até 1945, período no qual começam a ser produzidos os romances que são chamados de Romances de 30.

Algumas questões podem ser levantadas nesse momento, por que mudou a temática? Por que partiu para uma tendência mais social? A explicação para isso é que no início do século XX, especialmente de 1930 a 1945 o Brasil estava no contexto de transformações em todas as dimensões da vida social brasileira da era Vargas, momento de ditadura, como ficou claro no tópico anterior.

Nesse sentido, existiam duas realidades distintas entre os autores das duas primeiras fases do modernismo, sendo que os primeiros eram burgueses da cidade de São Paulo que estava economicamente estável, e os segundos localizados em zonas periféricas rodeados de diversos problemas sociais acontecendo e que já perduram há décadas ou mesmo há séculos. Dessa forma, os autores se sentiam responsáveis por mostrar para toda a sociedade, em forma de denúncia, em suas novas criações, ou seja, em suas novas obras, os problemas regionais que caracterizaram como literaturas do Romance de 30, vertente de caráter regional, sobretudo, nordestino.

Não é mera coincidência que quase todos os romancistas de 30 tenham a mesma origem social que a maioria esmagadora dos tenentes: famílias mais ou menos decadentes ligadas aos sistemas produtivos das periferias do núcleo cafeeiro, sistemas estes que passavam a ocupar rapidamente o espaço político deixado vago pelo desaparecimento da velha ordem. Mas, para ocupá-lo, havia um preço a pagar: olhar a realidade de frente (Dacanal, 2018, p. 18).

Vale lembrar, que eles buscaram inspiração no realismo-naturalismo, tanto é que essas obras reproduzem tudo com muita verossimilhança, quando o artista reproduz uma obra de ficção, mas que fica muito próxima da realidade, principalmente, recorrendo a temas de conhecimento dos autores.

Dacanal (2018), faz uma lista de características inerentes aos romancistas de 30, como fica evidente no quadro a seguir:

Quadro 1 - Características principais do Romance de 30.

CARACTERÍSTICAS	SIGNIFICADO
Verossimilhança (realista-naturalista)	Quer dizer, o que é narrado é verossímil é semelhante à verdade. Se não aconteceu poderia ter acontecido no mundo real e histórico.
Estrutura narrativa linear	Isso significa que há uma correspondência cronológica entre a ocorrência dos eventos narrados e o lugar que ocupam no desenrolar da narração.
Código urbano culto	Em outras palavras, tanto o narrador quanto as personagens falam o português segundo as normas gramaticais próprias dos grupos urbanos da costa atlântica, mesmo quando utilizam – é o caso dos personagens – exclusivamente -termos ou expressões não pertencentes àqueles grupos urbanos.
Estruturas históricas identificáveis	As personagens são integrantes destas estruturas, aceitando-as, lutando por transformá-las ou sendo vítimas.
Estrutura histórica	São geralmente agrárias.
Perspectiva crítica	A desordem reina no mundo e é preciso consertá-lo através da ação dos indivíduos ou grupos interessados às mudanças.
Otimismo	A miséria, os conflitos e a violência existem, mas tudo isso pode ser solucionado, principalmente porque o mundo é compreensível.

Fonte: Dacanal, 2018.

Autores como, por exemplo, Graciliano Ramos, em suas obras, reproduz a realidade do estado de Alagoas, porque ele conhece toda a região, ele era alagoano, então vai falar, com muita propriedade, de temas que viu de perto e assim vai ficando tudo mais realista na obra. Rachel de Queiroz, autora cearense, abordando situações do Ceará e do sertão nordestino, como a seca, por exemplo.

Nesse contexto, José Lins do Rego, paraibano, também vai reproduzir aspectos ligados à cana-de-açúcar, decadência dos engenhos que tinha muito a ver com sua família, desta forma, ele falou de coisas que tinha propriedade para apresentar, levando em consideração que o autor teve bastantes vivências nesse ambiente rural, ao qual é retratado em suas obras (Filho, 1969). Nota-se diante disso, que na literatura regional, a realidade a qual vivencia ou vivenciaram os autores é retratada em suas obras mostrando todos os problemas sociais por eles vistos.

Jorge Amado, baiano, reproduz também aspectos ligados à região cacauiera da Bahia, Ilhéus, Itabuna, e dos coronéis do cacau, porque ele viveu isso.

O escritor nasceu naquele lugar e, Érico Veríssimo é um exemplo de autor regionalista não nordestino nessa fase que predomina autores do Romance de 30, este último é um autor gaúcho que não deixa de lado esse aspecto realista/naturalista nessas produções de caráter Modernista (Filho, 1969). Como se pode notar a literatura regional expandiu-se por todo o país, apesar de ter sido forte na região nordeste, como, por exemplo, na região sul que tem como grande representante dessa vertente regionalista de 30, Érico Veríssimo.

Todos esses autores foram destaques como os maiores nomes da literatura Brasileira no século XX, Graciliano Ramos, autor alagoano, tratou da seca Nordestina em seu livro chamado *Vidas Secas*, obra imortal da literatura regionalista brasileira. Rachel de Queiroz, em seu livro *O Quinze*, para tanto, trata do drama do retirante fugindo da miséria provocada pela seca, apresentando uma família que não tem como viver no sertão e vai buscar melhores condições de vida na capital.

Graciliano Ramos afirmava que a palavra foi feita para dizer, a palavra não foi feita para enfeitar, desta forma, ele era muito objetivo, muito direto. Enquanto Rachel de Queiroz era muito expressionista. E aí está o porquê de ela carregar os seus textos de adjetivos e de figuras de linguagem, deixando o texto mais adornado. Nesse sentido, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz são bem diferentes, mesmo produzindo a mesma temática (Filho, 1969).

José Lins do Rego é o autor que vai focalizar a zona da mata paraibana, a decadência dos engenhos, a chegada da usina em substituição dos engenhos, a falência dos senhores de engenho e, reiterando, o autor falou dessa temática porque ele era paraibano, assim como também era neto de dono de engenho, conhecedor da realidade a qual descreveu.

Jorge Amado, autor baiano muito versátil, vai focalizar tanto o espaço do interior quanto espaço da capital, escreveu obras socialistas como, por exemplo, *Cacau* a qual aborda sobre a luta da posse de terra e a exploração da mão-de-obra. Ele escreveu também aquelas obras de costumes com muita sensualidade como *Gabriela Cravo e Canela*, *Tieta do Agreste*, *Dona Flor e os seus dois maridos* (Filho, 1969). Diante disso, vê-se a versatilidade de Jorge Amado, por seu abrangente olhar capaz de captar as mazelas da sociedade como também trazendo abordagens distintas como é o caso de *Gabriela, Cravo e Canela*.

Érico Veríssimo vai trabalhar o regionalismo, mas não o regionalismo do nordeste, nesse caso, o gaúcho e nesse aspecto a paisagem muda, deixando de ser

o cangaço, o retirante ou a seca, dando lugar ao caudilho nos pampas gaúchos, o churrasco, o chimarrão, aquela pessoa que trabalha com pecuária, então muda a paisagem, muda a cultura. Veríssimo é um escritor de Fortes tendências históricas, e o seu livro mais famoso é *O Tempo e o Vento*.

Tudo Isso, foi para que os leitores começassem a compreender as principais temáticas de cada autor, a região que ele retrata e por que o Romance de 30 é a principal tendência da literatura no século XX. A melhor produção literária no Brasil de todos os tempos - o Romance de 30 -, especificamente, o texto em prosa, produzido na segunda fase do Modernismo no Brasil, de 1930 a 1945.

O próximo tópico falar-se-á um pouco mais sobre a vida e a obra de José Lins do Rego, este que foi um importante escritor do Modernismo no Brasil, para que, desta forma, seja compreendido ainda mais suas motivações para escrever essas grandes obras ficcionais que retratam com excelência a região nordeste do Brasil.

2.3 José Lins do Rego: traços biográficos

Consoante Bosi (2012), o escritor José Lins do Rego Cavalcanti nasceu na cidade de Pilar no estado da Paraíba, no dia 03/06/1901. Ele era formado em Direito pela Faculdade de Recife (Bosi, 2012, p. 519). Foi um escritor paraibano, que explorou temas regionalistas, apontando os aspectos políticos, sociais e econômicos do país. Falava da questão política, destacando como os políticos estavam olhando para a questão do Nordeste, especialmente quais eram os problemas que estavam atormentando os nordestinos.

No ano de 1923, José Lins do Rego se formou em Direito na faculdade do Recife, onde conheceu diversas personalidades, ampliou o seu campo literário e, dois anos depois da conclusão do curso, foi morar em Minas Gerais, onde trabalhou como promotor público como afirma Moisés (2012):

A amizade com Gilberto Freyre, José Américo de Almeida e Olívio Montenegro desvia-lhe a atenção da política para a literatura, sobretudo de fala inglesa, e o nosso regionalismo. Após exercer a promotoria em Minas Gerais, vai para Maceió, onde convive com Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Raquel de Queirós. Em 1932, dá à estampa o *Menino de Engenho*, início do ciclo da cana-de-açúcar e de uma obra ficcional que somente a morte, ocorrida no Rio de Janeiro a 12 de setembro de 1957 interrompe (Moisés, 2012, p. 519).

Em 1935, Lins do Rego se mudou para o Rio de Janeiro, exerceu um cargo de Fiscal do Imposto de Consumo. Como de costume, foi colaborador de diversos periódicos do período em que esteve pelo Rio, vindo a falecer nessa cidade em 12 de setembro de 1957.

Durante toda sua trajetória, José Lins do Rego publicou bastantes livros, com temáticas diversas que consagraram sua perspectiva regionalista, como ficará claro no próximo tópico.

2.4 Principais Obras de José Lins do Rego

Após o primeiro romance, publicado em 1932, *Menino de Engenho*, objeto de pesquisa dessa monografia, José Lins do Rego publicou quase um romance por ano.

Sua obra é dividida por temática, sendo a primeira, o ciclo da cana-de-açúcar, cuja ação se desenvolve na região nordestina, nos grandes engenhos de açúcar daquela época. Nesse período, ele escreveu os livros *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê* e *Fogo morto*. A outra temática é o ciclo do cangaço, do misticismo e da seca, onde as principais obras são *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*. Existe a temática de obras independentes que também são vinculadas ao Nordeste, como exemplo, *Pureza*, *Riacho Doce*, *Água Mãe* e *Eurídice* (Moisés, 2012). Por mais que o escritor apresente em suas obras temáticas distintas, observa-se que ele foca nas diversas características que representam a região Nordeste.

Observou-se nesses últimos tópicos a importância de José Lins do Rego para a literatura brasileira, especialmente, para os Romancistas de 30, com uma extensa obra de romances. Todavia, como já ficou evidenciado no decorrer desse estudo, a obra de José Lins do Rego que será analisada nessa monografia é o romance *Menino de Engenho*, que terá um foco especial nos dois próximos capítulos.

3. BREVE ANÁLISE DE ESTUDOS ACERCA DOS ESPAÇOS EM OBRAS LITERÁRIAS

Esse capítulo tem por intenção refletir sobre os principais aspectos teóricos e metodológicos que permitiram, até agora, fazer uma reflexão sobre o contexto histórico de produção da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego e, também, que possibilitem a análise mais específica dessa pesquisa que é compreender como a construção do espaço ficcional dessa grande obra da literatura brasileira.

Nessa perspectiva, esse capítulo foca na reflexão sobre os estudos que objetivam analisar os espaços em obras literárias, com foco nos aspectos que serviram de base para a construção dos principais métodos de coleta e análise dos dados.

Para que se possa fazer uma análise dos espaços construídos por José Lins do Rego e narrados pelo personagem principal, Carlinhos, na obra *Menino de Engenho*, é relevante que se faça, nesse momento, um apanhado de alguns tipos de análises sobre os espaços em obras literárias, para que sirvam de referencial teórico.

Segundo Bonacorci (2019), o espaço é o terceiro elemento de uma narrativa e para que se possa comprehendê-lo, o leitor deve analisá-lo atentamente, devido a sua importância, pois é no espaço onde a trama se desenvolve. Bonacorci (2019), afirma que:

Entende-se por espaço narrativo toda a organização física, social e cultural que compõe o cenário onde a história ficcional se desenvolve. Ele também pode ser definido como "o lugar onde se passa a ação de uma narrativa". Afinal, não é possível as personagens agirem soltas no espaço. Elas precisam estar situadas em um lugar e este lugar interfere, direta ou indiretamente, em maior ou menor escala, no enredo (Bonacorci, 2019, p. 1).

Ainda conforme a perspectiva desse autor, o detalhamento dos espaços pode variar de maneira significativa, dependendo do gênero literário. Em alguns gêneros os espaços têm mais importância do que em outros, quando a trama tem um teor mais psicológico o espaço tende a ser reduzido, mas quando a trama apresenta mais ações, geralmente os autores usam de mais espaços. Bonacorci (2019), diz que:

Portanto, a função do espaço em uma obra literária não é de mera contextualização. Sua importância vai muito além de situar banalmente as ações das personagens. O espaço, muitas vezes, estabelece com as personagens e com as tramas uma interação genuína e indissociável, influenciando atitudes, pensamentos e emoções. Boa parte das eventuais

transformações pelas quais os indivíduos ficcionais passam ao longo da narrativa e muitas das reviravoltas que ocorrem na trama são provocadas pelas características geográficas (Bonacorci, 2019, p. 2).

Conforme o excerto acima, o espaço em uma obra literária tem muita relevância, pois está articulado com outras variáveis que acontecem dentro da trama. Além disso, o espaço pode ser definido de diferentes maneiras, ou seja, conforme Bonacorci (2019), os espaços podem ser:

[...] abertos (ações realizadas nos campos e em praças, ou seja, em locais ao ar livre) ou fechados (em igrejas, em cômodos residenciais e em salas empresariais, portanto, em locais internos); e urbanos (quando as ações se passam nas cidades) ou rurais (enredos construídos em fazendas, pequenas cidades provincianas ou em meio à natureza). Porém, outras associações também são possíveis, dependendo do interesse específico do analista literário e das características espaciais de onde a obra se passa (Bonacorci, 2019, p. 1).

Os espaços, de acordo com essa passagem, podem ser definidos de várias maneiras, dependendo de suas características. Para melhor compreensão dos espaços na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, utilizam-se as reflexões feitas por Borges Filho (2008), no texto *Espaço e Literatura: uma introdução à topoanálise*. Para esse autor os espaços podem ser divididos em pelo menos três graduações ficcionais, como fica claro no quadro a seguir:

Quadro 2 - Gradações de espaços ficcional.

Gradações ficcionais	Definição
Realista	O espaço construído na obra semelha-se à realidade cotidiana da vida real. Nesse caso, o narrador se vale frequentemente das citações de lugares existentes. Ele cita prédios, ruas, praças, etc. que são correferências ao leitor real.
Imaginativo	O espaço será classificado de imaginativo quando os lugares citados na obra literária não existirem no mundo real. São lugares inventados, imaginados pelo narrador, no entanto, são lugares semelhantes aos que vemos em nosso mundo.
Fantasta	Temos ainda a possibilidade de encontrarmos espaços que não possuem nenhuma semelhança com a realidade e que não seguem nenhuma regra do mundo natural que nós conhecemos. Esses mundos têm suas próprias regras. A esse tipo de espaço chamamos de fantasta. Esse tipo de espaço é comum, às vezes predominante, nas obras classificadas como fantásticas, no conto maravilhoso e na ficção científica.

Fonte: Borges Filho, 2018.

Observa-se então, que cada uma dessas gradações ficcionais nos leva a tipos de espaços totalmente diferentes, sendo o primeiro, uma representação mais real da realidade, concentrado na verossimilhança, o segundo, focado na representação de espaços que não existem no mundo real, mas que guardam semelhanças e o terceiro são espaços que não existem na realidade e que muitas vezes não se parecem com o mundo natural ou real.

Além dessa divisão entre gradações ficcionais, Borges Filho (2008), demonstra que existe uma divisão do espaço com relação a suas funções, pois os espaços são construídos levando em consideração vários propósitos, como está exposto no quadro a seguir:

Quadro 3 - Funções do espaço em obras literárias

Funções do espaço	Definição
Caracterizar as personagens, situando-as no contexto socioeconômico e psicológico em que vivem.	Muitas vezes, mesmo antes de qualquer ação, é possível prever quais serão as atitudes da personagem, pois essas ações já foram indicadas no espaço que a mesma ocupa. Note que esses espaços são fixos da personagem, são espaços em que elas moram ou frequentam com grande assiduidade.
Influenciar as personagens e também sofrer suas ações.	Outras vezes, o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira. Os exemplos mais claros dessa relação poderão ser encontrados, na literatura brasileira, nos romances naturalistas.
Propiciar a ação	Uma função muito simples do espaço é a de propiciar a ação que será desenvolvida pela personagem. Nesse caso, não há nenhuma influência sobre a ação. A personagem é pressionada por outros fatores a agir de tal maneira, não pelo espaço. Entretanto, ela age de determinada maneira, pois o espaço é favorável a essa ação.
Situar a personagem geograficamente.	Às vezes, o espaço assume uma função denotativa. Nesses momentos, o espaço é meramente factual, pobre, por assim dizer, na medida em que não possibilita uma imbricação simbólica com as personagens. Em outras palavras, não há nenhuma relação de pressuposição entre personagem, espaço e ação. A função do espaço é apenas dizer onde está a personagem quando aconteceu determinado fato.
Representar os sentimentos vividos pelas personagens	Esses não são espaços em que a personagem vive, mas são espaços transitórios, muitas vezes, casuais. Assim, em

	determinadas cenas, observamos que existe uma analogia entre o espaço que a personagem ocupa e o seu sentimento.
Estabelecer contraste com as personagens	Nesse caso, ocorre o oposto do mencionado anteriormente. Isto é, não há nenhuma relação entre sentimento da personagem e espaço. O espaço mostra-se indiferente, estabelece uma relação de contraste.
Antecipar a narrativa	Através de índices impregnados no espaço, o leitor atento percebe os caminhos seguintes da narrativa. Em outras palavras, há uma prolepse espacial.

Fonte: Borges Filho, 2018

As funções do espaço são inúmeras, partindo desde influenciar a ação dos personagens, até mesmo servir apenas com a função de propiciar as ações dos personagens. Em um texto literário, como o romance, o espaço pode atingir funções diferentes ao longo da narrativa e isso será demonstrado no tópico 4.2, quando o foco será a análise dos espaços.

Esses elementos são relevantes para a compreensão dos espaços de uma obra literária, todavia, para o início de uma topoanálise é relevante que se faça um levantamento dos espaços do texto. Nesse sentido Borges Filho (2008), faz uma divisão dos espaços a serem elencados e analisados. O quadro demonstra quais são esses espaços.

Quadro 4 – Topoanálise dos espaços em obras literárias

Espaços	Definição
Macro espaços	Às vezes, o texto pode ser dividido em dois grandes espaços, tais como: o campo e a cidade.
Micro espaços	Detectada a presença do macro espaço, cumpre verificar os micros espaços que o compõem. Se não houver macro espaço, passa-se diretamente à verificação dos micros espaços.
Cenário	No âmbito da topoanálise, entendemos por cenário os espaços criados pelo homem. Geralmente, são os espaços onde o ser humano vive. Através de sua cultura, o homem modifica o espaço e o constrói a sua imagem e semelhança.
Natureza	Por natureza, entendem-se os espaços não construídos pelo homem. Espaços tais como: o rio, o mar, o deserto, a floresta, a árvore, o lago, o córrego, a montanha, a colina, o vale, a praia, etc.
Ambiente	Na perspectiva da topoanálise, o ambiente se define como a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico.

Paisagem	O conceito de paisagem é um tema clássico dos estudos geográficos. Como outros conceitos no âmbito dos estudos espaciais, este é visto de diversas formas, por diferentes especialistas (geógrafos, historiadores, arquitetos, pintores). Entretanto, muitos deles conservam um traço comum na definição de paisagem que é a questão do olhar. Portanto, uma primeira definição de paisagem é aquela que diz ser ela uma extensão de espaço que se coloca ao olhar.
Território	No conceito de território temos a possibilidade de análise das relações de poder na obra literária. O cenário ou a natureza transformar-se-ão em território quando houver uma disputa por sua ocupação e/ou posse.

Fonte: Borges Filhos, 2018.

Existe nessa divisão topoanalítica, onde os espaços vão se subdividindo e se relacionando. Todas essas definições serviram de referencial teórico para o desenvolvimento da análise que será desenvolvida no próximo capítulo.

4. UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS NA OBRA *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO

O presente capítulo tem como principal objetivo analisar os aspectos da obra *Menino de Engenho*, em especial, o espaço criado pelo autor e pelo narrador da história, Carlinhos.

Sendo assim, o capítulo está dividido em três tópicos, o primeiro com o objetivo de fazer um resumo da obra, o segundo focado nos espaços ficcionais, urbano e sertão, que aparecem na trama da narrativa e, por último, fazer uma análise de como o espaço faz parte da construção da identidade cultural de uma comunidade.

4.1 Resumo da Obra *Menino de Engenho*

Carlinhos, de quatro anos, foi acordado em uma manhã por um estrondo em sua casa e encontrou sua mãe caída no chão, coberta de sangue, enquanto seu pai chorava ao lado dela como um louco. O menino tenta se aproximar da mãe morta, mas é impedido pelos criados comovidos e pela chegada da polícia, que fecha o quarto e retira todos dali. Um funcionário comentou que viu o pai de Carlinhos com uma arma na mão, enquanto a mulher estava caída no chão.

O pai de Calinhos vivia um caos, enquanto a mãe era torturada pela irracionalidade dele. Clarice, a mãe de Carlinhos, era meiga, considerada um anjo pelo menino. Depois de tamanha catástrofe, o pai de Calinhos foi feito prisioneiro, antes disso, ele abraçou o filho em uma despedida angustiada. Alguns dias depois, Carlinhos foi levado para a zona rural, para o engenho de seu avô. Ao chegar ao engenho, que sua mãe inúmeras vezes descrevia como o paraíso, foi recebido com alegria.

O engenho se chamava Santa Rosa. Quando o menino chegou, conheceu os engenhos e todo o maquinário do lugar o fascinava. Ele fez amizade com os primos e passa os dias pregando peças e nadando no rio nos arredores do Santa Rosa. Juntos, eles odiavam Sinhá que pegava a chave da despensa e guardava todas as comidas, as frutas e doces para que ninguém pegasse.

Carlinhos faz amizade também com sua prima, Lily, que é loira com uma pele distintamente clara, com quem prefere estar. A menina era doentinha, um dia, ela

acordou vomitando e chamando por Carlinhos. Logo, porém, eles o tiraram da sala e, logo em seguida Lily morreu.

Ele e os primos gostavam das viagens e visitas a outros engenhos que ficavam próximos dali. Seu avô costumava levá-lo para passear em sua propriedade. Eles esperavam há muito tempo que o rio enchesse e, com o início do inverno, o rio encheu e ficou bastante violento, talvez o mais violento de todos os tempos.

Tia Maria, irmã da mãe de Carlinhos, tentou ensinar o sobrinho a ler, mas ele não conseguiu aprender, quando foi enviado para um mestre onde foi tratado de forma diferente dos demais estudantes, pois era, afinal, neto do Coronel José Paulino. Assim, ele aprendeu as letras. Durante as viagens para as aulas, seu companheiro de trajeto começou a dar aulas sobre o que havia de errado no mundo.

O menino vivia no engenho, muitas vezes isolado do mundo, caçando canários e os prendendo em gaiolas, e sua vida era acompanhada de solidão, enquanto esperava pelos canários. Um tempo depois, o menino ganhou um carneiro com a sela e rédea para montaria. O nome do animal era Jasmim, e esse era seu novo hobby. Ele o banhava com sabão, penteava sua lã e saía montado nele para passear pela fazenda e brincar nas casas dos fazendeiros com filhos deles.

Carlinhos também adorava as histórias de Totônia que às vezes passava pelo engenho e contava histórias maravilhosas. Ele ainda ia à senzala do engenho Santa Rosa para conversar com os negros. Ali, vivia uma negra angolana que todos a consideravam ser avó, mas também uma moça mocambicana que o aterrorizava. Como no Santa Rosa não existia a prática da religião, o menino não conheceu a Deus e à sua palavra, sobre religiosidade, ele conhece apenas um pouco do que sua mãe lhe ensinou.

Depois de Lily, Carlinhos teve uma segunda paixão, quando chegaram umas primas do Recife, ele fez amizade com uma delas, sendo ela mais velha. Aos passeios à sombra do cajueiro, ela contava-lhe histórias de navios que ele tinha medo de navegar, e ele contava-lhe histórias de cheias e incêndios que outrora atingiram o engenho. Um dia, ele a beijou e voltou correndo para o casarão durando por uns dias o namoro dos primos. Depois de uns dias, a prima foi embora e Carlinhos ficou na maior tristeza, magoando-o.

Depois de engravidar uma negra, o tio de Carlinhos, Juca, sempre fica em seu quarto onde às vezes recebe Carlinhos, e os dois ficam mais próximos. Certa vez, ele ouviu seu avô falar sobre seu pai. Sua casa de repouso avisou que a família do

homem havia parado de pagar as mensalidades, então José Paulino assumiu parte da conta. O menino começa a temer que um dia enlouquecesse como o pai. Carlinhos fica doente, merecendo muito cuidado e um rigoroso tratamento, o menino passou a ficar dentro de casa o tempo todo, privado da oportunidade de passar no quintal da fazenda, tornando-se um prisioneiro por causa da doença. Os primos não brincavam mais com ele porque viviam sendo repreendidos por arrastarem o menino até o quintal.

Tudo o que restava a ele eram uns passeios com Jasmim nas horas mais frias do dia e sem demora. Nessas caminhadas, brincava com os filhos das funcionárias, que desconheciam os cuidados que ele recebia no casarão. Foi quando aconteceu o casamento de sua tia Maria e, conforme previsto, o menino perde a segunda "mãe" novamente, quando a irmã de sua falecida mãe casa e vai embora.

Com uma negra do engenho, Carlinhos se tornou homem aos doze anos, e assim contraiu "doença de homem", "doença do mundo" como se falava lá no engenho.

A princípio ele tentou esconder a doença e resistiu, mas depois foi notado, descoberto, pelos moradores da mansão, e virou piada no Santa Rosa. No começo ele não gostou, mas depois ficou orgulhoso da doença, porque passou a ser tratado de forma diferente, quase como um homem, com funcionários conversando na frente dele, e a conversa não parava quando ele chegava. A perversão o invadiu de vez, e a partir de então, enquanto tomava banho no rio, ele sempre ficava vendo as mulheres que estava pelos arredores.

Após o casamento da tia, Carlinhos era arrumado para ser enviado à escola da cidade grande, um internato. O dia da partida chegou e, ouvindo os conselhos, Carlinhos foi embora com a alma mais velha que o corpo, como disse o menino do engenho ao finalizar o romance.

A seguir, alguns dos personagens principais da obra *Menino de Engenho* estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 5 – Personagens de Menino de Engenho.

Personagens	Características
Carlinhos	Narrador que ficou órfão ainda criança e foi morar no Engenho com seu avô.
Coronel Zé Paulino	Dono do Engenho e patriarca da região

Tia Maria	Torna-se sua segunda mãe, era irmã da mãe de Carlinhos e com sua bondade e simpatia era estimada por todos.
Velha Totonha	Contadora de histórias, uma figura admirável.
Antônio Silvino	Cangaceiro temido e respeitado.
Tio Juca	Filho do senhor do engenho, pode ser considerado a figura do pai para Carlinhos.
Lula de Holanda	Senhor de Engenho decadente.
Sinhazinha	Dona da casa e cunhada do coronel. Odiada por todos por seu rigor e carrancice.
Negras	Generosa que cuidava da cozinha e Vovó Galdina que estava prostada em uma cama.
Prima Lily	Prima de Carlinhos, sua primeira paixão.
Maria Clara	Prima que veio da cidade de Recife.

Fonte: Borges Filho, 2018.

Carlinhos tem várias experiências em sua vida, estabelecendo uma convivência com todos os personagens que são mencionados no quadro anterior. Esses relacionamentos são desenvolvidos em espaços diversos e esse será o tema do tópico seguinte.

4.2 O Espaço ficcional: Urbano e Sertão

Como ficou claro, esse tópico concentra sua análise nos espaços que fazem parte do enredo da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego. Esses espaços têm várias características interessantes, que permitem o desenrolar da trama. A reflexão será feita a partir da topoanálise, desenvolvida por Borges Filho (2008).

No tópico 3.1, compreendeu-se que podem ser feitas três tipos de gradações ficcionais na representação do espaço, sendo elas, realista, imaginativo e fantasista. O espaço representado na obra *Menino de Engenho* pode ser caracterizado como um espaço realista, que pretende conferir ao enredo maior verossimilhança. O espaço representado dessa maneira foi que colocou as obras de José Lins do Rego, incluindo *Menino de Engenho*, dentro do grupo de Romances de 30, considerados romance realista/naturalistas, como foi explanado no tópico 2.2.

Sabendo disso, o foco da topoanálise agora, passa a ser as segmentações espaciais que existem dentro da obra *Menino de Engenho*. Na leitura da obra, verifica-

se que os espaços narrados podem ser compreendidos por vários sentidos, todavia, será feita a reflexão levando em consideração cada categoria mencionada por Borges Filho (2008).

A primeira análise a ser feita é se existem na primeira obra de José Lins do Rego os macros espaços, pois nem todo texto existem macro espaços. Na obra *Menino de Engenho* se identifica logo no começo do texto a existência desses macros espaços, quando é observado duas zonas espaciais que compõem as comunidades contemporâneas, que é a zona urbana e a rural.

Essa passagem de texto do livro *Menino de Engenho* deixa claro que existem dois macros espaços, o primeiro era onde o garoto vivia, enquanto criança com a sua mãe e seu pai e o segundo, o engenho do avô, onde passou a morar depois de seu pai ter matado a sua mãe:

Três dias depois da tragédia levaram-me para o engenho do meu avô materno. Eu ia ficar ali morando com ele. Um mundo novo se abria para mim. Lembro-me da viagem de trem e de uns homens que iam conosco no mesmo carro (Rego, 2012, p. 29).

Outras passagens demonstram a existência dos macros espaços, urbano e rural, como a passagem a seguir:

A minha mãe sempre me falava do engenho como de um recanto do céu. E uma negra que ela trouxera para criada, contava histórias de lá, das moagens, dos banhos de rios, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso. (Rego, 2012, p. 30).

A mãe de Carlinhos fala do engenho da casa onde morava com seu marido e onde foi assassinada, que ficava localizado na cidade de Recife, conforme as negras da casa falaram para tia Galdina: “tia Galdina, olhe o menino de d. Clarisse que chegou com doutor Juca do Recife” (Rego, 2012, p.31). Recife é constantemente mencionada na obra, é onde vários parentes de Carlinhos moram, inclusive, como ficou nítido no parágrafo anterior, era onde Carlinhos morava com a mãe e o pai.

Após falar sobre os macros espaços passa-se a falar sobre os micros espaços e “nesse caso, toma-se por base a característica específica dos dois tipos essenciais do espaço, a saber: o cenário e a natureza. E ligado a esses dois tipos de espaço, temos o ambiente, a paisagem e o território” (Borges Filho, 2008, p. 4).

O cenário aparece com bastante frequência nas narrativas de Carlinhos, desde a narração sobre a morte de sua mãe, onde aparecem a casa, os cômodos e até a praça que fica próximo a sua antiga residência, respectivamente, a saber:

EU TINHA UNS QUATRO anos no dia em que minha mãe morreu. Dormia no meu quarto, quando pela manhã me acordei com um enorme barulho na casa toda. Eram gritos e gente correndo para todos os cantos. O quarto de dormir de meu pai estava cheio de pessoas que eu não conhecia. Corri para lá, e vi minha mãe estendida no chão e meu pai caído em cima dela como um louco (...). Mas logo que vi na página de um dos jornais a minha mãe estendida, com os cabelos soltos e a boca aberta, caí num choro convulso. Levaram-me então para a praça que ficava perto de minha casa. Lá estavam outros meninos do meu tamanho, e eu brinquei com eles a tarde toda (Rego, 2012, p. 25-26).

O cenário também aparece quando Carlinhos narra os espaços encontrados no engenho Santa Rosa, como a estrutura da casa grande, assim que chega do recife: “Quando cheguei, com o meu tio Juca, no pátio da casa grande, o alpendre estava cheio de gente” (Rego, 2012, p. 30). A senzala e o outros espaços que ele vai encontrando e vivenciando pela zona rural, como se nota no seguinte fragmento, quando o menino recém-chegado ao Santa Rosa fica admirado com tudo que vê, a exemplo disso nota-se quando ele é levado para conhecer o funcionamento do engenho:

Depois do café mandaram-me para o engenho, que estava nos fins da moagem. Eram uns restos de cana que aproveitavam [...]. Minha atenção inteira foi para o mecanismo do engenho. Não reparei mais em nada. Volteei-me inteiro para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador. Depois comecei a ver os picadeiros atulhados de feixes de cana, o pessoal da casa de caldeiras (Rego, 2012, p. 33).

Observa-se, já de início, que o cenário tem forte presença na obra, com riqueza de descrições, ele aparece em praticamente toda a narrativa do menino Carlinhos. A natureza, que são os espaços não construídos pelo homem, também aparece de maneira significativa na narrativa de Carlinhos, como fica evidente nessa passagem: “e eram mesmo abençoados por Deus, porque não morriam de fome e tinham o sol, a lua, o rio, a chuva e as estrelas para brinquedos que não se quebravam” (Rego, 2012, p. 79). Neste fragmento, é uma narrativa de Carlinhos fazendo referência à simplicidade a qual viviam os meninos do engenho, seus futuros amigos.

Esse outro texto também evidencia a presença da natureza como espaço no enredo da obra: “Procurávamos a sombra dos cajueiros para os nossos colóquios.

Havia folhas secas pelo chão, como um grande tapete cinzento, que rangiam nos pés. E o cheiro gostoso da flor do caju chegava até longe" (Rego, 2012, p. 105). Nesse fragmento, a natureza é narrada por Carlinhos ao realizar os seus passeios pelos arredores do Santa Rosa com a sua amada Maria Clara, a prima vindia do Recife.

Ainda sobre o espaço natureza, o fragmento seguinte exemplifica mais ainda esse tipo de espaço não criado pelo homem. Quando Carlinhos e sua tia Maria passeiam pelas casas dos moradores da região:

À tardinha voltamos para casa. A estrada escurecia com as sombras da noite. Ainda restavam pelas folhas das canas os últimos raios de sol do dia. E os moleques começavam a falar em malassombrados. Bem juntos de tia Maria, quietos e calados, com medo de almas do outro mundo, íamos fazendo o retorno de nossa viagem (Rego, 2012, p. 42).

O ambiente também aparece nas narrativas de Carlinhos, em muitas vezes ele descreve o espaço que está vivenciando e em alguns momentos narra com um teor psicológico, colocando sentimentos em sua narrativa, como aparece nessa passagem:

Escondia-me da namorada o resto da tarde. Na hora da ceia, ela estava com os seus olhos redondos e pretos, olhando para mim. A noite toda foi um sonho só com Maria Clara. Iá com ela no navio não sei por onde. E o mar batia com raiva no meu barco. Chovia que a água começava a encher o casco. Só se via mar e céu. Eu tinha medo de afundar. Maria Clara dizia que não havia perigo. E nós chegávamos nos cajueiros e ficávamos nas folhas secas, dormindo (Rego, 2012, p. 107).

No período em que Carlinhos está doente, ele é aconselhado a ficar sempre em seu quarto em repouso para se recuperar do puxado e, enquanto ele permanece isolado na casa, o menino reconhece tudo o que acontece no engenho, apenas pela agitação e os ruídos do dia no ambiente, imaginando a movimentação por cada espaço do engenho Santa Rosa, como se observa no trecho seguinte:

O engenho estava moendo. Do meu Quarto ouvia o barulho da moenda quebrando cana, a gritaria dos cambiteiros, a cantiga dos carros que vinham dos partidos. A fumaça cheirosa do mel entrava-me de janela adentro. O engenho todo na alegria rural da moagem. E o diabo daquele puxado tomndo-me a respiração, deixando-me sem ar e com gosto amargo na boca. (Rego, 2012, p. 96)

A paisagem, que é uma extensão do olhar, também é presente nas narrativas de Carlinhos, a título de exemplo, sua ida para o engenho com o seu tio Juca, a bordo do trem, depois da morte de sua mãe, esse tipo de espaço evidencia-

se quando o menino à janela da locomotiva fixa o olhar em tudo o que se passa a frente:

O trem era para mim uma novidade. Eu ficava na janelinha do vagão a olhar os matos correndo, os postes do telégrafo, e os fios baixando e subindo. Quando chegava numa estação, ainda mais se aguçava a minha curiosidade. Passavam meninos com roletes de cana e bolos de goma, e uma gente apressada a dar e a receber recados. E uma porção de pobres a receber esmolas. Uma mulher chegou-se para mim, e toda cheia de brandura — Que menino bonitinho! Onde está a sua mãe, meu filho? Tive medo da velha. E a saudade de minha mãe me fez chorar (Rego, 2012, p. 29).

O espaço como território aparece muitas vezes na obra, principalmente, quando se trata dos diferentes engenhos e seus senhores, o mais marcante é a presença do cangaço, especialmente a presença e o poder de Antônio Silvino, como fica exposto nessa passagem:

UMA TARDE, CHEGOU UM portador num cavalo cansado de tanto correr, com um bilhete para o meu avô. Era um recado do coronel Anísio, de Cana Brava, prevenindo que Antônio Silvino naquela noite estaria entre nós. A casa toda ficou debaixo do pavor. O nome do cangaceiro era bastante para mudar o tom de uma conversa. Falava-se dele baixinho, em cochicho, como se o vento pudesse levar as palavras. Para os meninos, a presença de Antônio Silvino era como se fosse a de um rei das nossas histórias, que nos marcassem uma visita. Um dos nossos brinquedos mais preferidos era até o de fingirmos de bando de cangaceiros, com espadas de pau e cacetes no ombro, e o mais forte dos nossos fazendo de Antônio Silvino. Naquela noite íamos tê-lo em carne e osso. Meu avô é que era o mesmo. Aquele seu ar de tranquilidade poucas vezes eu via alterar-se. A velha Sinhazinha para dentro e para fora, nas suas ordens para o jantar, gritando para os negros e os moleques com a mesma arrogância incontentável. Tia Maria ficava no seu quarto a rezar. Tinha muito medo dessa gente que vivia no crime. Quando me viu a seu lado, abraçou-me, chorando (Rego, 2012, p. 39).

Observa-se, então, que em toda a obra *Menino de Engenho*, os espaços são formados por segmentações espaciais distintas do Nordeste, que retratam a zona urbana e a zona rural, as quais são descritas com muita precisão pelo autor causando no leitor a sensação de estar assistindo às senas que são narradas pelo menino Carlinhos, o que torna a obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, rica e uma das mais importantes da literatura brasileira, sobretudo do Romance de 30.

4.3 O espaço como construção da Identidade Cultural do Homem

A palavra cultura é de conhecimento de todos, todavia a sua definição não é tão simples como se pensam. Algumas das definições de cultura vão desde falar

que uma pessoa que estudou muito, tem cultura, até falar a respeito das práticas religiosas, artísticas, políticas, língua que em conjunto podem determinar a cultura de determinado país.

O que é relevante é compreender em primeiro momento que as culturas não são conjuntos fechados e imutáveis. A título de exemplo, o Brasil é um país de cultura muito diversa, que se formou a partir das relações estabelecidas entre europeus, indígenas, africanos, asiáticos. É importante pensar que cultura mantém as tradições, que podem ser consideradas aspectos permanentes e repetitivos, mas também cultura são trocas, transformações, alterações. Além disso, a cultura pode assumir um caráter particular, ou seja, ser singular a um povo ou também pode tomar dimensões maiores, como é o caso da cultura globalizada, onde vários países do mundo compartilham aspectos culturais.

A antropologia se dedica a estudar a cultura desde seu início, um dos primeiros antropólogos a definir o que é cultura foi Edward Tylor, que diz que cultura é um “todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Lakatos, 2010, p. 131).

A cultura está ligada diretamente à identidade que é usada por sociólogos, antropólogos e outros pesquisadores das ciências sociais para compreender diversos fenômenos, a título de exemplo, a memória de um país, as gírias, os diversos movimentos políticos, os grupos minoritários, que se identificam a partir do uso de símbolos, afirmações, espaços, lugares.

A identidade está ligada a pensamentos, objetos, símbolos que permitem alguém se sentir parte de um grupo, como por exemplo, ser parte da família do senhor de engenho, ou dos negros antes escravizados e agora servos, ou ainda, dos cangaceiros que rodavam a região nordeste do Brasil, segundo Moraes (2019):

[...] as identidades sociais devem ser pensadas como construídas no interior da representação, através da cultura, sendo resultantes de um processo de identificação que nos permite posicionarmo-nos no interior das definições fornecidas pelos discursos culturais. Desse modo, nossas subjetividades são produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. De igual forma, Hall ao desenvolver uma concepção de identidade como estratégica e posicional defende que, na modernidade tardia, as identidades são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, multiplicadamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições. Nessa perspectiva, a identidade emerge do diálogo entre os conceitos e definições representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo de responder aos apelos feitos por estes significados (Moraes, 2019, p. 170).

As identidades não são estáticas, assim como a cultura e a globalização trouxeram mudanças significativas nas vidas das pessoas, todavia Costa (2004), afirma que a globalização não pode ser vista apenas pela anulação das identidades locais, mas também como geradora de um processo de resistências à cultura global. Mesmo antes da globalização já havia batalhas travadas em diversos espaços e territórios. Os países que foram colonizados e invadidos durante alguma guerra tiveram seu território ameaçado e modificado e isso não significou necessariamente o fim da identidade de seus povos.

Além disso, o autor verifica que em algumas culturas, mesmo após a globalização, de espaço e território ainda cumpre papel central na identidade cultural. É o caso do sertão do Nordeste brasileiro, onde a cultura sertaneja não morreu, existindo ainda hoje, todo um universo relacionado ao sertão, como acontecia na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego.

Costa (2004), diz ainda que para falar em um conjunto de símbolos ligados a um espaço físico é melhor usar o conceito de territorialidade, que comporta os símbolos ligados a um certo território e ao sentimento de pertencimento que os indivíduos possam ter com ele. Um sertanejo, que viveu e cresceu no sertão não se sente como tal apenas porque mora em uma região delimitada em um mapa, mas porque convive com símbolos que dão identidade a esse universo.

Verifica-se então a importância do espaço ou do território para a construção de uma identidade e de uma cultura, nesse sentido, a região da Paraíba e de Pernambuco na qual vive Carlinhos é que formou a identidade de seu povo e a sua própria identidade.

Carlinhos que nasceu e viveu até os quatro anos de idade na cidade do Recife poderia ter absorvido uma identidade muito distinta da que adquiriu no engenho. Enquanto na cidade poderia ter ido ao colégio na idade certa, ter mais conhecimento sobre a religião que sua mãe começou a apresentá-lo, além de muitas outras características identitárias que ele poderia ter internalizado, enquanto qualquer cidadão urbano. Como Carlinhos, ainda criança, muda-se para a zona rural, o engenho de seu avô, ele cresce sem os cuidados protetivos maternos, aprende a cultura do interior como, por exemplo, adquire uma cultura bastante distinta da que poderia ter adquirido na cidade.

Nesse sentido, observa-se, nos fragmentos a seguir da obra, a familiarização com o novo espaço cultural que ele pertencerá até a sua adolescência,

e a que ele possui atualmente, início do enredo e pouco tempo após sua chegada ao engenho, e como ela modificou-se, transformando-o em um cidadão próprio do campo:

Eu ia reparando em tudo, achando tudo novo e bonito. A estação ficava perto de um açude coberto de uma camada espessa de verdura. Os matos estavam todos verdes, e o caminho cheio de lama e de poças d'água. Pela estrada estreita por onde nós íamos, de vez em quando atravessava boi. O meu tio me dizia que tudo aquilo era do meu avô. E com pouco mais avistava-se uma casa branca e um bueiro grande (Rego, 2012, p. 30).

Nota-se por meio desse trecho que, Carlinhos nada conhece a respeito da zona rural, ele vai descrevendo tudo o que ver pela sua frente, tudo é novidade, enquanto vai embora para o engenho de seu avô Paulino, no campo. Levando em consideração a possibilidade de o menino, porventura, continuar morando na zona urbana, embora visitasse às vezes a zona rural, ainda assim sua identidade cultural foi adquirida pelos fortes traços de alguém típico da cidade, e tudo no interior seria sempre a novidade.

Nesta outra passagem a seguir ilustra muito bem como a vivência na zona rural em uma cultura interiorana formou uma nova identidade ao menino, ele já possui todas as características de um cidadão do campo, pois os costumes, os desejos que possui são parecidos aos que qualquer garoto do campo da sua idade teria. A cultura do povo do engenho estava sendo passada naturalmente a Carlinhos, como podemos observar nas narrações do menino nos dois trechos seguintes da obra:

Sentia um prazer sem limites quando me caía um canário no alçapão. Não ia para o almoço, entretido com a gaiola da chama. Procuravam-me por toda parte. Minha tia Maria ameaçava de soltar tudo quanto era passarinho. — Nem come mais, só pensando em canários...[...] (Rego, 2012, p. 83).

Nesse fragmento, evidencia-se que Carlinhos, assim como os garotos de sua idade têm os sonhos mais comuns de um menino que cresce pelo campo que é o de possuir seu próprio animal de montaria, como ainda era criança, queria um carneirinho para montar, igual à maioria dos garotos dos engenhos da região que também possuíam os seus animais com arreados.

O trecho posterior evidencia o sonho de Carlinhos – o menino do engenho Santa Rosa – sendo realizado, ilustrando os desejos, não só de um adolescente do campo, mas também, dos cidadãos da zona rural como um todo que é o de ter o seu

cavalo de montaria, seu rebanho, suas terras para cultivo, dentre vários outros desejos que se podem apresentar:

ATÉ QUE AFINAL CONSEGUIRA o meu carneiro para montar. Vivia a pedi-lo ao tio Juca, ao primo Baltasar do Beleza, a todos os parentes que tinham rebanho. Um dia chegou um carneiro para mim. Já vinha manso e era mocho. Carneiro nascido para montaria. Chamava-se Jasmim. Via chegar ao engenho os meninos do Zé Medeiros, do Pilar, cada um no seu carneiro arreado, esquipando pela estrada. E uma grande inveja enchia o meu coração (Rego, 2012, p. 87).

Outro traço que marca a forte presença do espaço nas vivências de um indivíduo e, desta forma, o espaço formando a personalidade da pessoa. Nota-se isso, na obra *Menino de engenho*, no momento em que uma grande figura daquela região, o cangaceiro Antônio Silvino e seu bando desperta admiração do menino Carlinhos. Quando o chefe do cangaço passa a visitar o engenho Santa Rosa, mas sempre com cordialidade, Antônio Silvino e seu bando desperta admiração dos meninos do engenho, assim como também a de Carlinhos, tornado se uma espécie de herói para eles como se nota no fragmento a seguir:

Para os meninos, a presença de Antônio Silvino era como se fosse a de um rei das nossas histórias, que nos marcassem uma visita. Um dos nossos brinquedos mais preferidos era até o de fingirmos de bando de cangaceiros, com espadas de pau e cacetes no ombro, e o mais forte dos nossos fazendo de Antônio Silvino (Rego, 1986, p. 62).

Para muitos o cangaço foi considerado um bando de malfeiteiros que desafiavam a justiça, para outros, como um grupo que buscava justiça. Desta forma, o espaço, possibilita uma experiência de vida que é o de conhecer a realidade como verdadeiramente ela é sem qualquer interferência, como em *Menino de Engenho*, o personagem Carlinhos conheceu de perto uma face do cangaço permitindo a ele próprio construir percepção sobre o bando.

Além da presença dos cangaceiros na vida do menino, destaca-se também uma outra personagem, Maria Clara, uma prima de Carlinhos que vai passear no engenho vinda de Recife onde mora. A menina foi uma das paixões da infância de Carlinhos, o protagonista do enredo, o narrador apresenta diversos hábitos dos parentes que vieram do Recife para o engenho e as impressões que os visitantes

causaram nas habitantes do engenho como também, os costumes sobre a vida no campo que era exercida pelos parentes da zona urbana:

As filhas do Tio João, quando chegavam no engenho, revolucionavam os hábitos pacatos da casa-grande. Só viviam trancadas nos banhos mornos, dando trabalho às negras, lendo romances nas cadeiras de balanço. [...]. E até em nós esta influência se exercia: não tirávamos os sapatos dos pés, por causa da gente do Recife. A Tia Maria desdobrava-se em cuidados, temendo a língua das parentas civilizadas. Uma delas dissera em carta para uma amiga da cidade que o povo do Santa Rosa só tinha de gente os olhos. E enchiam a casa de chiliques e de cheiros de extrato. Aos domingos iam de chapéu à missa do Pilar (Rego, 1986, p. 105).

Como se sabe, Carlinhos nasceu em Recife, mas ainda pequeno, após a morte de sua mãe, foi levado para morar na zona rural com o seu avô. Então diante deste fragmento fica claro o estranhamento do menino diante dos hábitos dos parentes da cidade, deixando evidente para o leitor que o espaço rural já faz parte das características do menino. O novo ambiente transformou os hábitos do menino que, se por ventura, estivesse crescido na cidade, criticaria o povo do engenho, da mesma forma que os parentes do Recife o fazem.

Observa-se também que o menino Carlinhos ao conviver nesse espaço do campo, aprende o linguajar comumente falado pelos moradores do engenho, ou seja, do ambiente rural: “A casa-grande, escura como se fosse a boca da noite” (Rego, 1986, p. 120). Assim como nesta outra passagem que também marca essa informalidade comumente falada no interior é: “o pé-d’água vinha zunhindo nos cajueiros. Descia da mata numa carreira rumorosa” (Rego, 1986, p. 119). Como ficou evidente, o menino Carlinhos adquiriu ou vai adquirindo a sua identidade, conforme os moradores da zona rural, não só nos hábitos da rotina do dia a dia, mas também no modo de falar como é possível notar no decorrer de toda a narrativa.

O espaço urbano e do sertão ou rural formam culturas distintas, tudo, entre esses dois ambientes, fica muito perceptível, os costumes do dia a dia entram numa espécie de conflito, quando uma cultura passa a frequentar o espaço de uma outra diferente. Isto fica evidente no fragmento a seguir:

O Santa Rosa com as meninas do Tio João parecia outro. A sala de visitas aberta o dia inteiro, as negras conversando baixo na cozinha, a Tia Maria de vestido de passeio, os moleques pequenos vestidos, sem as bimbinhas de fora. Às tardes, visita de outros engenhos; brinquedos de prendas de noite, conversas sobre a moda e queijo-do-reino na mesa. Até o

meu avô sem os seus gritos e palavrões para os moleques da estrada (Rego, 1986, p. 105).

A família de Carlinhos, vinda de Recife, para passear no engenho, causa um desconforto aos moradores do engenho Santa Rosa, pois estes não estão acostumados com os hábitos dos parentes urbanos.

Dessa forma foi observado o quanto os espaços são capazes de moldar as características identitárias de uma pessoa. A obra Menino de Engenho nos evidencia isso. Pois Carlinhos caso crescesse na cidade formaria uma personalidade típica de uma criança, adolescente ou homem urbano. Crescido no engenho de seu avô, internalizou a cultura rural local que contribuiu para a formação de sua identidade de sertanejo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como principal objetivo analisar os espaços na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego. Observou-se ao longo do texto que o Romance de 30 compõe a segunda parte do Modernismo e que se estende da década de 1930 até 1945, fazendo parte de um contexto peculiar da história brasileira, ou seja, esse movimento, sobretudo, a vertente nordestina, buscava retratar os problemas sociais através da literatura.

As influências do período sobre os autores, incluindo o autor aqui estudado, José Lins do Rego, começam antes da década de 30, ainda na chamada república velha ou república oligárquica. Esse período o Brasil era comandado por uma elite política que também estava no topo da organização econômica, ou seja, por produtores de café e de leite, dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, respectivamente. Nas outras regiões do Brasil, incluindo o Nordeste, as elites políticas e econômicas também estavam ligadas à produção rural, no caso do Nordeste, os senhores de engenho de cana-de-açúcar ainda tinham muito poder.

Com a decadência econômico político desse regime, o Brasil passou por intensas transformações, inclusive, na literatura, foi onde surgiu em 1922 o Modernismo, tendo como marco A Semana de Arte Moderna. Os romancistas de 30 também fazem parte do Modernismo, contudo possuindo características peculiares, as quais se espalharam por todo o Brasil.

Nota-se que os romancistas de 30 adotavam como principal espaço para o desenvolvimento de seus enredos ficcionais o interior do país, especialmente o Nordeste brasileiro. Com muita verossimilhança, os romancistas de 30 foram influenciados pelo realismo/naturalismo que marcou as características dessas obras, como foi apresentada aqui a obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego.

Menino de Engenho tem todo o seu enredo desenvolvido na região canavieira do Nordeste, especialmente nos estados de Pernambuco e Paraíba. Carlinhos, personagem principal e narrador da história, em tom saudosista, relata suas vivências em vários espaços, especialmente, na sua casa em Recife e, principalmente, no engenho Santa Rosa de propriedade de seu Avô materno, o senhor Paulino. Os locais urbano e sertão correspondendo à cidade de Recife e ao engenho, respectivamente, são, a todo momento, descritos minuciosamente pelo narrador e personagem Carlinhos.

É possível observar que José Lins do Rego apresenta, em *Menino de Engenho*, os espaços de uma forma singular por meio da riqueza de detalhes através da narração, podendo-se notar que o espaço transforma/modifica a personalidade do homem que, por sua vez, absorve e adquire as características e a cultura do ambiente ao qual vive.

A obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, é uma narrativa de grande relevância para a literatura brasileira, prendendo o leitor a cada história que é desenvolvida em seu enredo, trazendo várias discussões importantes, como a decadência dos engenhos, a escravidão e a orfandade, por exemplo. Por meio desses e de outros temas abordados na obra, uma grande variedade de espaços são apresentados com excelência, os quais são capazes de nos trazer diversas reflexões.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Hercules. **História**. CEFET, MG, 2017.
- ARAÚJO, Bernardo. **A instabilidade Política na Primeira República Brasileira**. Revista Estudos Filosóficos, nº 3, 2009.
- BONACORCI, Ricardo. **Teoria Literária: Elementos da Narrativa - 3 -Espaço Narrativo**. Bonas histórias, 2019.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. XI Congresso Internacional da ABRALIC, USP, 2008.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira** / Alfredo Bosi. – 52. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2017.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9º edição. Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro, 2006.
- DACANAL, José. **O romance de 30**. Ed. Besouro Box, Porto Alegre, 2018.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira Através dos Textos** / Massaud Moisés. – 29. Ed. Ver. e ampl. – São Paulo: Cultrix, 2012.
- FERRAZ, Amanda. **Modernismo e identidade nacional**: o papel do ressentimento na ideia de Brasil. UNB, Brasília, 2016.
- FERREIRA, Marieta; PINTO, Surama. Estado e oligarquias na Primeira República: um balanço das principais tendências historiográficas. **Revista Tempo** | Vol. 23 n. 3 | Set./Dez. 2017.
- FILHO, Adonias. **O romance de 30**. Ed. Bloch, Rio de Janeiro, 1969.
- GASPARETTO JUNIOR, Antônio; TEIXEIRA, Wagner. 130 Anos da República: entre avanços e retrocessos. Locus: **Revista de história**, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p. 4-11, 2019.
- GOMES, Mari. **O modernismo no Brasil**. UNIFAVIP, s-d.
- GÜNTHER, H. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?** UNB, Brasília, 2006
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 7ª edição. Atlas: São Paulo, 2010.
- LEÃO, Milton. **As revoltas populares na primeira república (1889-1930): exclusão, cidadania e resistência**. UNESPAR, Universidade Estadual do Paraná, 2015.
- LIMA, Priscila. **A Era Vargas e um breve histórico de suas fases**. Percursos (CONLUBRADEC), 2019.
- LUCENA, Kalhil; GRILLO, Maria. **As representações da República Velha na cultura popular e no livro didático**. IV Colóquio de História, UNICAMP, 2010.
- OLIVEIRA, Gabriel. **A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a importância da liderança em conflitos armados**. UNICEUB, Brasília, 2011.

PADUA, E. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática.** 2. ed. Campinas: Papiros, 1997.

REGO, José Lins. **Menino de Engenho.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.